

André Luiz dos Santos Silva

Centro Universitário Metodista do Sul – IPA, Porto Alegre, RS, Brasil
Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil

Patrícia Andrioli Nazário

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil

Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte

Resumo: Apoiado nos pressupostos teórico/metodológicos da “História Oral” e dos “Acervos Pessoais”, este texto analisa o protagonismo de um grupo de mulheres atletas na construção de uma das melhores equipes de Futsal Feminino do Brasil, nos anos 2000. Ao forjarem uma rede de estratégias que investiu em participação em eventos sociais, vínculos com patrocinadores, criação e manutenção de escolinhas pedagógicas e na conquista de espaços midiáticos, as atletas se posicionaram como sujeitos daquela prática e, com isso, problematizaram as clássicas representações do Futsal, cujos sentidos são permeados por marcas de masculinidade. Ao mesmo tempo em que tensionam os atravessamentos de gênero no esporte, investem em um meticuloso processo de vigília que incide normativamente sobre seus corpos e suas condutas.
Palavras-chave: futsal; gênero; esporte

Mulheres no vestiário

O momento é de tensão. Concentradas, a atenção volta-se para os detalhes do uniforme, o calçar dos meiões e o amarrar dos cadarços. Focamos nossa atenção na tentativa de distrair a ansiedade que antecede a partida. Estamos no vestiário, arrumando-nos para competir e, ao mesmo tempo, brincamos com as companheiras de equipe. Somos mulheres e jogamos futebol.¹



Esta obra está sob licença *Creative Commons*.

¹ A segunda autora do texto foi atleta de futebol dos 11 aos 16 anos e, cabe ressaltar, não disputou partidas contra o SER Chimarrão, nem mesmo foi integrante daquela equipe.

Hoje, faço uma analogia entre o início dos jogos com o início deste texto, numa tentativa de demarcar, política e academicamente, o local de onde falo: ex-atleta de futebol feminino, cujos percursos no esporte foram marcados pelos estigmas do preconceito. Apesar disso e, talvez, justamente por isso, opto novamente por entrar naqueles vestiários.

Entretanto, faço isso com outros olhos, uma vez que os percursos acadêmicos, guiados pelos estudos de Gênero, “educaram” minhas sensibilidades e meus modos de ver. Apesar da “apreensão” gerada pela responsabilidade, política e acadêmica,² de investigar temáticas como esta, sinto-me motivada e ansiosa para entrar logo em campo.

Ser mulher e jogar futebol significa, simultaneamente, praticar um esporte concebido como fenômeno social e estar à margem daquilo considerado “central” para o sexo feminino (Guacira LOURO, 2012). Não raras vezes, mulheres atletas são chamadas a prestar contas sobre suas identidades de gênero e orientações sexuais, que são postas sob suspeita, na medida em que um corpo feminino robusto, forjado no e pelo esporte, manifesta atributos como força, agressividade e habilidade técnica – elementos culturalmente entendidos como tipicamente masculinos.

Assim, barreiras discriminatórias que envolvem as mulheres atletas, em especial aquelas que jogam futsal e futebol, ainda são comuns. Em 2007, apesar da Seleção Brasileira de Futebol Feminino ter conquistado o título de campeã dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, a mídia esportiva destinou tímidos espaços para comentar a vitória das atletas. Além disso, o vice-campeonato na Copa do Mundo de 2007, o vice-campeonato nos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008, o título máximo de campeãs sul-americanas em 2014, com vaga garantida para a Copa do Mundo de Futebol Feminino no Canadá em 2015, sugerem que a pouca visibilidade feminina nos meios de comunicação não é decorrente da falta de habilidade das mulheres; o fato é que a desigualdade das relações de gênero atribui menos evidência à desenvoltura de atletas como Marta.³

Historicamente, a dicotomia homem forte e mulher frágil tem funcionado como uma representação que ensina modos de ser e se portar, criando expectativas sobre as condutas femininas em todos os segmentos sociais. As diferenças anatômicas e biológicas têm sido significadas como base explicativa para desigualdades sociais, cujas respostas, entretanto, advêm de uma construção histórico-cultural manifestada em crenças religiosas, tabus sociais e aversão à diferença (Antônio SIMÕES, Jorge KNIJNIK e Líbia MACEDO, 2005). A exemplo disso, em 1941, o General Newton Cavalcanti apresentou, ao Conselho Nacional de Desportos, argumentos para oficializar a interdição das mulheres a modalidades como lutas, salto com vara, salto triplo e pentatlo (Silvana GOELLNER, 2005a; Ludmila MOURÃO, 2011; Gabriela SOUZA, *et al.*, 2015). Em 1965, novamente, o Conselho Nacional de Desportos reafirma a proibição da prática de lutas de qualquer natureza, além do Futebol, Futebol de Salão, Polo Aquático, Rugby, Halterofilismo e Baseball.⁴

Apesar de um histórico de interdição e reiteradas representações femininas que tendem a afastar as mulheres do universo de alguns esportes, dentre eles, o Futebol, o sexo feminino tem se feito presente nos estádios, assistindo aos campeonatos, treinando,

² Temáticas que perpassam o preconceito e a discriminação possuem uma carga extra de responsabilidade social, no que se refere a possibilidades de manutenção ou enfrentamento de representações que fixam e limitam os sujeitos a determinadas práticas “aceitáveis” culturalmente. (Pedro GEORGEN, 2003).

³ Considerada por quatro vezes a melhor jogadora de futebol do mundo (Prêmio FIFA), Marta é a atleta que contabiliza o maior número desta premiação. Este comparativo leva em consideração não somente mulheres, como também homens de todas as nacionalidades.

⁴ Segundo Mourão (2011), em 1979, contrariando a proibição do Conselho Nacional de Desportos, quatro mulheres judocas foram ao Uruguai, utilizando nomes masculinos, a fim de participarem do campeonato sul-americano. Ainda em 1979, foi revogada a deliberação do Conselho Nacional de Desportos que vetava a prática de esportes considerados prejudiciais à “natureza feminina”. (GOELLNER, 2005a).

arbitrando, competindo, etc (GOELNNER, 2005a). Certamente, algumas dessas mulheres violam o que convencionalmente se designou como sendo próprio de seu corpo e de seu comportamento, questionando a hegemonia esportiva masculina histórica e culturalmente construída. Em consequência, vários preconceitos incidem sobre as mulheres nessa modalidade, tais como a associação de sua imagem à homossexualidade ou os perigos da competição e treinamento para sua beleza e saúde reprodutiva (GOELNNER, 2005b).

Na busca por legitimidade, não basta a excelência técnica exigida aos homens. Para as mulheres, é demandada uma espécie de feminilidade credível, que leva boa parte das atletas a se pronunciarem sobre temáticas como maternidade, casamento, assim como, práticas de embelezamento, argumentos capazes de afastar possíveis suspeitas sobre a “autenticidade” de seus corpos e sua “natureza” feminina (Mirian ADELMAN, 2003; Angelina JAEGER e Silvana GOELLNER, 2011). Por vezes, a concessão para o esporte está atrelada ao apelo à beleza das jogadoras e à erotização de seus corpos, cujos argumentos incidem no potencial das formas femininas que, quando belas, atraem público aos espetáculos e, com isso, patrocinadores (GOELNNER, 2005a).

Entretanto, a despeito do que aponta boa parte da literatura sobre mulheres e esporte, algumas pesquisadoras dentre as quais, Thaís Almeida (2008), Márcia Figueira (2008), Souza *et al*, (2015), Figueira e Goellner (2013), evidenciam que grupos de mulheres atletas têm construído, a partir de uma rede de estratégias, espaço de visibilidade, acesso e manutenção em esportes historicamente associados ao universo das “masculinidades hegemônicas” (Michael KIMMEL, 1998). Tais argumentos mostram-se bastante profícuos, uma vez que este texto versa sobre os percursos de um grupo de mulheres atletas de Futsal, cuja excelência na performance colocou-as, ao longo dos anos 2000, entre as melhores equipes de futsal feminino do Brasil. Nesse sentido, este trabalho analisa o protagonismo dessas mulheres na construção de mecanismos de permanência na prática e de condições de possibilidade que permitiram a elas destaque nacional.

Trata-se, portanto, da equipe de Futsal Feminino da Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Chimarrão (SER Chimarrão),⁵ localizada na zona urbana de Estância Velha, uma cidade do interior do Rio Grande do Sul,⁶ que possui aproximadamente 39 mil habitantes. A sede de treinos do Chimarrão⁷ é um clube esportivo de origem alemã, fundado em 1976, onde, desde 1995, o futsal feminino tem se feito presente.

Com suporte técnico, que contava com uma diretora específica para o departamento Feminino, preparador físico, preparador de goleiras, técnico e auxiliar, a equipe, apesar de fazer uso de uma estrutura física simples, possuía uma série de equipamentos e materiais novos e de boa qualidade para os treinos e jogos. Em uma das visitas aos treinos, foi possível

⁵ As equipes de futsal feminino do SER Chimarrão encerraram suas atividades em 26 de março de 2015. Segundo Irineu Shuster, diretor do departamento de futsal, a falta de patrocínios e de apoio da prefeitura inviabilizou a manutenção da equipe (Júlio VARGAS, 2015). Cabe ressaltar, entretanto, que há indícios da manutenção de patrocínios à equipe de futebol masculino no clube, sinalizando que, além dos problemas financeiros, atravessamentos de gênero podem ter pesado em favor do processo de término das equipes femininas. Acerca destas questões, uma nova proposta de investigação tematizando o futsal feminino do SER Chimarrão está em andamento e encontra-se em processo de coleta de dados.

⁶ Cerca de 43 km da capital Porto Alegre, a cidade faz parte da região turística denominada Rota Romântica do Rio Grande do Sul. Estância Velha emancipou-se em 1959 e, contemporaneamente ao período de maiores conquistas do Futsal Feminino do Chimarrão, foi premiada, em 2005, por ser o segundo menor coeficiente de mortalidade infantil e, em 2006, foi contemplada com o Título Município Alfabetizado, por ter atingido os índices internacionais de alfabetização, estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU). Segundo a ex-atleta e ex-diretora do departamento feminino do SER Chimarrão, Sílvia, Estância Velha é caracterizada como uma cidade bastante conservadora e marcada por valores morais rígidos, segundo a depoente, proveniente de uma “cultura alemã”.

perceber um grande número de bolas oficiais da modalidade, em muito bom estado de conservação, cones diversos, coletes para os treinos, arcos, cintos de tração, etc. Ao adentrar o vestiário, os uniformes completos estavam sobre os bancos: camisetas, calções, meiões e tênis, rigorosamente organizados para serem vestidos. Ali, entravam mulheres e saíam atletas.

Chegando a possuir três patrocinadores oficiais, as meninas recebiam alguns incentivos para jogar, dentre os quais: ajuda de custo, bolsa de estudos, moradia, alimentação diária, transporte, tênis e uniformes.

A fim de dar suporte à prática esportiva e com vistas às conquistas de títulos, construiu-se, ao redor dessa equipe de futsal feminino, uma estrutura pouco comum para o esporte amador e ainda menos frequente para equipes femininas de futsal; elementos que permitem questionar as condições de possibilidade que propiciaram a essas mulheres conquistar apoio, visibilidade e condição de permanência como atletas em um esporte culturalmente associado ao universo masculino.

Guiado por essas problematizações, este texto apoia-se no entendimento de gênero como um processo relacional produzido na história e na cultura, um projeto ou, ainda, uma tecnologia que produz sujeitos a partir de mecanismos de regulação (Tânia SWAN, 2001; Paula IADEVITO, 2014). Desse modo, descarta-se as “teses essencialistas” que vinculavam/vinculam as feminilidades e masculinidades à biologia dos corpos (Jay GOULD, 2003; Thomas LAQUEUR, 2001), para então conceber gênero como uma categoria forjada nas relações de poder, construídas nas especificidades de cada grupo social e de cada momento histórico (Ana VEIGA e Joana PEDRO 2015; LOURO, 1997; Joan SCOTT, 1995).

Nos agenciamentos das representações⁸ de gênero, cujos mecanismos linguísticos constroem, através de práticas de significação, lugares e hierarquizações distintas a homens e mulheres, são construídas expectativas que, ao mesmo tempo, incentivam e constroem modos de ser e se portar, produzindo, com isso, identidades desejáveis e, por conseguinte, outras tantas sujeitadas (Luiza ANJOS, 2015; Dagmar MEYER, 2004). Cabe destacar, entretanto, que os projetos e as representações de subjetividades de gênero são diversos e, uma vez constituídos e constituintes de relações de poder, sofrem resistência e são rearranjados nas experiências dos sujeitos, produzindo, portanto, outros projetos e outras representações (Michel FOUCAULT, 2013).

Na tentativa de compreender a trajetória do Chimarrão como possibilidade de resistência e rearranjo das relações entre mulheres e esporte, optou-se por privilegiar os dados decorrentes de observações e registro em diário de campo,⁹ os acervos pessoais¹⁰ das atletas e comissão técnica do Chimarrão e entrevistas fundamentadas nos pressupostos da História Oral.

Nos acervos pessoais, foram encontrados recortes de jornais, fotografias, bilhetes e folhetos publicitários. Organizados por algumas integrantes da equipe,¹¹ o acesso a esses documentos necessitou de um suporte teórico/metodológico específico, a partir do qual foi

⁷ Ao longo do texto, faremos menção à equipe como Chimarrão, SER Chimarrão ou SERC, uma vez que são esses os modos como atletas e comissão técnica a referenciam.

⁸ Tal conceito provém de Stuart HALL (2006).

⁹ Foram feitas cinco observações, quatro durante os treinamentos e uma durante um jogo amistoso. As observações foram abandonadas no meio do processo, uma vez que as questões que mobilizaram as primeiras idas ao campo foram reelaboradas. Apesar disso, informações decorrentes dessa primeira fase da pesquisa serviram de subsídio para todo o processo de problematização e análise deste artigo.

¹⁰ Constitui-se como acervo pessoal um conjunto de documentos de origem particular acumulado e organizado ao longo da vida das pessoas e que se relacionam de alguma forma às atividades e aos interesses desses sujeitos. CPDOC-FGV. O que são arquivos pessoais. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>>. Acesso em: 15 de agosto de 2014.

¹¹ Foram acessados 4 acervos, sendo três de atletas e um da diretora do departamento de Futsal Feminino.

possível problematizar o convite sedutor daqueles acervos, que sugestionavam uma pretensa “imersão na experiência vivida” daquelas mulheres, permitindo, ainda, questionar a materialidade daquelas memórias, enquanto um repositório seguro dos registros das jogadoras (Ângela GOMES, 2004; Luciana HEYMANN, 1997).¹²

Apoiadas nos pressupostos teórico-metodológicos da História Oral, foram realizadas entrevistas,¹³ em grupo e individuais, com a diretora do departamento de futsal feminino, Sílvia; o treinador da equipe, que esteve presente nos principais títulos, Carlos; uma ex atleta formada pela escolinha de futsal, Arizona, a capitã do time, Cristina; e a fixa,¹⁴ Patrícia, ambas atletas de destaque do Chimarrão. Entendida como uma técnica, um método e uma fonte de pesquisa, a História Oral permite narrar histórias e reconstruir memórias, seja de cada um dos depoentes, seja do grupo que partilhou das mesmas experiências (Verona ALBERTI, 1989; Henry ROUSSO, 1996). Cabe ressaltar, entretanto, que os relatos das colaboradoras e colaborador da pesquisa foram concebidos como memórias, cujas narrativas são permeadas por lembranças adjacentes, por esquecimentos e pela forte “presença do passado no presente imediato das pessoas” (José MEIHY, 1998, p. 13). Assim, a manifestação da materialidade das memórias, na transcrição das entrevistas, constituem possíveis versões que permitem tecer uma dentre as muitas possibilidades para a história que se segue (JENKINS, 2004).

“Bem-vindos à capital do futsal feminino”

“Ninguém segura o Chimarrão: pela sexta vez o clube de Estância Velha é campeão gaúcho [...]” e com isso, uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, tornou-se “A Capital Gaúcha do Futsal Feminino” (Diego ROSA, 2002, p. 46). Em decorrência de mais uma conquista, a equipe do Chimarrão recebeu, do então prefeito Elivir Desiam, uma placa comemorativa, que seria afixada na entrada principal da cidade, com os dizeres: “Bem-Vindo à Capital Gaúcha do Futsal Feminino”.

Em 2003, a equipe foi homenageada pela Câmara de Vereadores de Estância Velha e, em Porto Alegre, recebeu medalhas de Mérito Rio-Grandense das mãos do então governador Germano Rigotto, no Palácio Piratini. Em um ano de conquistas e reconhecimento, o Jornal Suplemento, de Estância Velha, em grandes proporções destaca o SER Chimarrão sob os seguintes dizeres: “O Melhor do Brasil” (O MELHOR..., 2003, s. p.). Naquele ano, a equipe foi heptacampeã Gaúcha, venceu a Liga Canoense, os Jogos Abertos do Rio Grande do Sul, a Taça JAL Internacional (Intercâmbio entre Brasil e Japão) e o principal campeonato nacional de Futsal Feminino, a Taça Brasil. Seis meses após a inauguração da primeira placa de homenagem ao Chimarrão, em um momento de grandes conquistas,

¹² O contato direto com a memória manifestada naqueles arquivos sugestionou, num primeiro momento, um lugar tranquilo, sem tensões e resistências acerca das representações do futsal feminino do Chimarrão. Excluídas do acervo de vitórias daquelas mulheres, as dores, angústias, preconceitos e interdições não foram encontradas naquele material, os quais propunham uma narrativa de mão única conduzida pelos “monumentos” (Jaques LE GOFF, 1994) construídos por aquela equipe. As problematizações daquela história se deram por meio das entrevistas e, sobretudo, nos rearranjos e articulações entre as distintas fontes produzidas para esta investigação (HEYMANN, 1997).

¹³ Foram cinco entrevistas individuais cedidas pela Diretora do Departamento Feminino, duas atletas da equipe, pelo Técnico e por uma ex atleta formada pela escolinha de futsal feminino. Além disso, uma entrevista em grupo, cedida pelos mesmos depoentes. Após as entrevistas, as falas foram transcritas e encaminhadas a cada colaborador para revisão e possíveis ajustes. Os documentos transcritos, depois de validados, tiveram seu uso autorizado por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os nomes das depoentes e do depoente foram trocados pelos autores a fim de garantir o anonimato.

¹⁴ Jogadoras de defesa do futsal. São atletas de marcação, encarregadas de desarmar as jogadas dos adversários.

outro decreto foi oficializado: Estância Velha não seria mais a Capital Gaúcha, mas “A Capital Gaúcha e Brasileira do Futsal Feminino”. Tais honras renderam ao Chimarrão um monumento na entrada da cidade pela RS 239, substituindo a placa anterior. Construído sobre uma base de pedra, o monumento em tons de verde e branco, mesmas cores da bandeira da cidade, trazia no centro a foto oficial das atletas de Futsal. O time reconhecido, inicialmente, apenas no Rio Grande do Sul, passou a ser referência para o Brasil inteiro.

Em 2004, o Chimarrão tornou-se octacampeão do “Gauchão”, Bicampeão da Taça Brasil e Bicampeão da Taça JAL Internacional, conquistando os mesmos e principais torneios disputados em 2003. Em seis de junho de 2004, o Jornal Dinâmico anuncia mais uma conquista do clube: “Nada pode ser maior, o Chimarrão é Bicampeão da Taça Brasil” (NADA..., 2004).

Realizada em Londrina (PR), a Liga Nacional de Futsal Feminino, organizada pela Confederação Brasileira de Futsal (CBFS) recebeu, para a competição de 2005, os considerados dez melhores times do Brasil. O clube da casa Unopar/Londrina/Sercomtel era visto como o favorito pela experiência e por ser a equipe com maior número de participações em competições nacionais, promovidas pela Confederação em todas as categorias.¹⁵ Entretanto, apesar do favoritismo, a boa fase do grupo do Chimarrão favoreceu a conquista de mais um título, o de campeão da I Liga Nacional de Futsal Feminino.

Silvia, ex-atleta e diretora do departamento feminino do SER Chimarrão até fins da década de 2000,¹⁶ ao rememorar o percurso da equipe afirma que, apesar das dificuldades, tudo valeu a pena. Mulher de destacada importância, foi a pioneira da equipe quando, em 1995, juntamente com um grupo de amigas, começou a alugar a quadra no ginásio do Chimarrão para jogarem.¹⁷ Ao tomar conhecimento das mulheres atletas e, sobretudo, da competência técnica das jogadoras, o ecônomo do clube sugeriu que conversassem com o presidente para compor uma parceria. Inicialmente, pretendiam apenas a cedência da quadra para treinarem, mas como a equipe já possuía certa história que atestava o potencial das atletas, passaram a negociar outros benefícios, por exemplo, uniformes para os jogos. A possibilidade de se constituir um time feminino de futsal, apesar do estranhamento inicial, teria agradado aos diretores e boa parte da comunidade vinculada ao clube, o que teria favorecido a negociação entre dirigentes e atletas, sobre as melhorias das estruturas e investimento em materiais. O grupo de mulheres que se reuniam para jogar deu início ao time que, anos mais tarde, conquistaria todos os títulos possíveis para uma equipe de Futsal Feminino no Brasil.

Segundo os depoimentos, no início, as atletas passaram por dificuldades, arcando com todos os custos do treinamento, uniformes e competições. Não raras vezes, as atletas ouviam insultos provenientes da arquibancada, tais como comentários misóginos e homofóbicos.¹⁸ Segundo Cristina, naquele período “tinha muito disso de se escutar no ginásio

¹⁵ Em 2006, o Unopar foi campeão da II Liga Nacional de Futsal Feminino.

¹⁶ Foi atleta do Chimarrão de 1996 a 2000 e, quando parou de jogar, tornou-se diretora do departamento feminino até 2010.

¹⁷ Em seu depoimento, Silvia sinaliza que já possuíam um time de futsal feminino e que, apesar da maioria das atletas serem da região de Estância Velha, elas se deslocavam até Porto Alegre e alugavam uma quadra no Clube Navegantes São João. “Só que aí a gente se cansava. Em dia de semana a gente tinha que ir e todo mundo trabalhava no outro dia e tal. Aí a gente acabou chegando no Ginásio do Chimarrão pra alugar um horário pra treinar”.

¹⁸ Cabe ressaltar que, na cidade de Estância Velha, esses arroubos preconceituosos foram sendo substituídos por uma postura de respeito e admiração. Segundo os depoimentos, as atletas que iniciaram a equipe no clube teriam sido os maiores alvos desse tipo de preconceito, assim como, foram as grandes responsáveis pela conquista de maior respeito. Cabe ressaltar, entretanto, de acordo com o depoimento de Cristina que, em diversos momentos, as torcidas de outros clubes, em outras cidades, receberam as atletas do Chimarrão sob vaias e manifestações preconceituosas.

[...] o pessoal falando... 'vai pra cozinha!!!!' Além disso, eram mal vistas, principalmente, pelas esposas dos membros da diretoria, que, nos meados da década de 1990, era composta somente por homens.¹⁹ Segundo a Diretora do Departamento Feminino, a primeira tarefa do grupo foi convencer essas esposas que elas realmente só queriam jogar e, a segunda, atrair o público para assistir aos jogos de Futsal Feminino. Para isso, a dedicação das atletas que aspiravam por uma representação clubísticas, foi fundamental. Segundo Silvia:

Apesar da gente não ser profissional na época [...] encarava como profissionalismo a coisa. Então a gente não faltava aos treinos, fazíamos nosso horário certinho, [...] não entrava na quadra cada uma com uma meia diferente. A gente comprava uniformes de treino e ficava todo mundo muito igualzinho... [...]. E claro né, a gente teve que ... [...] eu já percebia aquele preconceito velado né... mulher jogar futebol e homossexualismo. Então a gente teve que fazer o que... primeiro convencer eles que a gente só queria jogar futebol, que a gente não queria roubar os maridos delas, [...] não queria bagunçar com nada e que a gente respeitava o ambiente do clube. Então a gente demonstrou isso no dia a dia. [...] Apostaram na gente e a gente retribuiu direitinho como [...] combinado. E a gente passou essa primeira fase assim, conquistando primeiro as pessoas e depois os resultados.

Cientes de estarem adentrando um espaço historicamente associado ao universo masculino, sabedoras de que o futsal tem sido representado em meio à força, agilidade e aos músculos sobressaltados, características culturalmente desvinculadas do corpo feminino (GOELLNER, 2005a), as atletas do Chimarrão sabiam que o respeito e a confiança da comunidade de Estância Velha teriam que ser conquistados e elas estariam sob constante suspeita. Por conseguinte, segundo os depoentes, a estima pelo esporte e o receio de serem prejudicadas conduziram as atletas a uma postura de seriedade e compromisso com o clube, com a equipe e com os treinamentos.

Ao disponibilizar o ginásio para os jogos, ao vestir as atletas com uniformes do Clube, ao acolher aquele grupo como um de seus representantes, o Chimarrão e as integrantes de sua nova equipe firmaram muito mais do que condições para a prática, investiram em um processo de subjetivação e de vigília sobre os corpos e comportamentos daquelas atletas. Vinculadas a uma das mais importantes instituições esportivas de Estância Velha, um dos símbolos identitários daquela população, as jogadoras de Futsal ao mesmo tempo são capturadas e deixam-se capturar por um conjunto de práticas de significação que nomeiam, descrevem e classificam as mulheres (MEYER, 2004). Habilmente, as pioneiras do futsal feminino, ao mesmo tempo em que ousam tensionar representações de gênero no esporte, operam um cuidadoso mecanismo de controle sobre seus modos de ser e se portar, posicionando-se taticamente numa relação de poder que envolve negociação, resistência e ganhos para as mulheres no cenário esportivo.

A história do SER Chimarrão nos aponta ainda que apesar da existência do futebol de campo masculino ser anterior à criação do futsal feminino, nas quadras daquele clube as mulheres são pioneiras. Ademais, as vitórias da equipe feminina teriam inspirado o investimento na formação de equipes masculinas de futsal, circunstância bastante distinta daquelas apontadas pela história e pela sociologia do esporte, que nos sugerem, de modo geral, que a inserção de mulheres, sobretudo nas práticas consideradas mais

¹⁹ Nos anos 2000, a diretoria foi composta por aproximadamente trinta pessoas desde presidente, tesoureiros, secretários, diretores de departamentos, etc. Deste número geral, ao longo desse período, atuaram cerca de seis mulheres, ou seja, 20% do total. Apesar de ainda longe da condição paritária entre os sexos, o Chimarrão apresentava, proporcionalmente, um número superior de mulheres, se comparado com outros clubes esportivos no Brasil que, naquele momento a participação feminina, segundo Goellner (2005b), era praticamente nula.

“violentas” e “viris”, tem acontecido posteriormente à inserção e consolidação masculina (Marco STIGGER, 2005; Raquel SILVEIRA, 2008; Arlei DAMO, 2002; GOLLNER, 2005a, 2005b; Kátia RUBIO e Antônio SIMÕES, 1999).

Pioneiras nas quadras de Futsal do Chimarrão, e habilidosas, do ponto de vista técnico e das relações de poder, entre 2001 e 2009, as atletas do futsal feminino foram o grande representante do/a SERC e um dos expoentes da cidade de Estância Velha. Os jogos femininos eram aqueles que atraíam o maior número de torcedores, chegando a contabilizar cerca de mil pessoas assistindo a uma partida. No início, entretanto, muitas pessoas foram assistir às competições pelo fato de serem mulheres jogando, um misto de curiosidade e descrença na possibilidade de corpos femininos serem capazes de dominar um esporte “naturalizado” como masculino. De elemento exótico, as atletas passaram a “encantar” as pessoas pela excelência técnica e pelas muitas vitórias conquistadas.

O Técnico da equipe lembra que, no início de sua atuação com aquele grupo, quase desistiu da função na primeira competição. Em 2001, iniciou o torneio da Taça Brasil perdendo o primeiro jogo por três a zero e, segundo suas próprias palavras, “logo surgiu a ideia de pegar um ônibus e abandonar tudo”. Após esse resultado, foi convocada uma reunião com as atletas, traçando metas bem definidas e os caminhos a percorrer se quisessem continuar na disputa pelo título. A partir de então, o grupo motivado pelo objetivo comum, seguiu no torneio e, jogo após jogo, chegou pela primeira vez à grande final do campeonato, perdendo para a Sabesp (SP)²⁰, resultado que veio a se repetir em 2002.

Sem considerar novamente a possibilidade de abandonar o grupo, o técnico seguiu acompanhando as meninas que, novamente, em 2003, disputariam a Taça Brasil, cuja 12ª edição ocorreu em Belém do Pará. Naquela ocasião, o Chimarrão passou a ser o principal representante do Futsal Feminino do País. As jogadoras foram para a competição com a experiência de duas edições do torneio como vice-campeãs, e disputaram a final contra a equipe que, por duas vezes, lhes tirara o título da Taça Brasil, a Sabesp. A Diretora do Departamento Feminino lembra que o calor humano dos moradores da cidade era impressionante. Metade do ginásio conclamava o “Chimarrão”, que, logo no início da partida, sofreu 5 gols. Sensibilizada pela fragilidade do time em desvantagem, a outra parte dos expectadores presentes no ginásio começou a apoiar as atletas, relatam os depoentes. A equipe do Chimarrão, impulsionada pela torcida, teria virado o placar para 7 a 5, conquistando seu primeiro título brasileiro e levando, segundo os depoentes, os torcedores ao delírio.

[...] o ginásio quase que veio abaixo. Nosso voo era logo depois da final, tinha uma ou duas horas para retornar para o hotel e pegar as coisas. Nós tivemos que sair escoltadas do ginásio. Puxavam as meninas, arrancavam camiseta, meióes, tênis, brincos [...]. Daí fomos para o hotel, e os carros da torcida vinham atrás da gente, colocavam o braço pra fora e abanavam. Ao chegarmos no hotel, tinha dezenas de pessoas lá, entraram nos quartos, roubaram calcinha das gurias, estávamos descendo com as coisas e a torcida entrava. Demorou a cair a ficha que éramos as melhores do Brasil, e ainda mais com o calor humano que tivemos em Belém, foi um momento muito emocionante.

Em oito anos, o Chimarrão conseguiu chegar ao ápice e se manteve com grande volume de vitórias até 2005. Após grandes títulos, perdeu jogadoras de referência, porém conseguiu preservar outras atletas que continuaram no clube por mais alguns anos, apesar de propostas de outros times do Brasil e do exterior. A base do Chimarrão foi a mesma por aproximadamente sete anos, o que lhes favoreceu o entrosamento, contudo, isto também causou certos prejuízos, pois as adversárias passaram a conhecer a forma de jogar e as

²⁰ Naquela ocasião a Sabesp já era tri campeã e chegaria, anos mais tarde, ao pentacampeonato, tornando-se a equipe com maior número de campeonatos conquistados na Taça Brasil.

principais características das jogadoras. Há de se pensar ainda que, ao longo dos anos 2000, outras equipes se estruturaram com treinamentos regulares e sistemáticos, com auxílio de preparação física, nutricionista, fisioterapeuta, etc. Isso possibilitou o avanço técnico e físico do futsal feminino, deixando mais concorridos os jogos.

Futsal feminino, atraindo olhares

Apesar do Brasil ser um dos maiores expoentes mundiais²¹ do Futsal, este esporte, diferentemente do Futebol, luta por maior visibilidade, incentivos e condições para a prática. Longe do glamour e dos holofotes, que rendem contratos milionários e honrarias para os praticantes homens desse esporte, o Futsal caminha num sentido mais modesto, por meio do qual tenta, inclusive, ocupar alguns espaços, como o de esporte olímpico.²² Tendo seu primeiro campeonato mundial datado de 1982 e sua organização incorporada à FIFA (*International Federation of Association Football*) apenas em 1990, o Futsal apresenta uma história recente e de embates políticos por visibilidade e reconhecimento (Cláudia KESSLER, 2010).

Se para os homens ainda há caminhos a percorrer, para a maioria das mulheres atletas, a prática do Futsal tem sido contingente e precária. De acordo com Kessler (2010), a organização do Futsal feminino data de fins dos anos 1990 e início dos anos 2000. Em 2002, foi realizado o primeiro campeonato Brasileiro de Seleções (Estaduais), e a primeira seleção brasileira feminina de Futsal foi constituída nos anos 2000. Cabe ressaltar que os atletas homens já disputavam competições internacionais há mais de trinta anos e seleções brasileiras masculinas já eram uma realidade desde 1969.

No Estado do Rio Grande do Sul, no início da década de 1980, houve alguns investimentos na organização de equipes femininas, como a do Sport Club Internacional, em 1984 e, anos depois, a do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Em 1993 e 1994, foram constituídas seleções gaúchas de futsal feminino, mas, apesar das iniciativas de importantes entidades esportivas, os departamentos femininos de Futsal do Grêmio e do Internacional fecharam entre fins dos anos 1990 e início dos anos 2000 (KESSLER, 2010).

O primeiro Torneio Mundial de Futsal Feminino de equipes filiadas à FIFA data de 2010 e até 2014; houve cinco edições, das quais a seleção brasileira venceu todas. Mesmo sendo a equipe de maior número de campeonatos conquistados, em 2014, a Confederação Brasileira de Futsal anunciou a não participação das mulheres atletas no mundial, alegando falta de verba. Por iniciativa das próprias jogadoras, algumas estratégias foram constituídas a fim de angariar recurso e divulgar a falta de incentivo do esporte feminino, movimento que permitiu visibilidade à seleção brasileira e, por conseguinte, a conquista de um importante patrocínio. Realizado em dezembro de 2014, a quinta edição do mundial feminino, como dito, foi conquistada pelas brasileiras.²³

O futsal feminino no Brasil ainda não apresenta uma estruturação que garanta a realização sistemática de grande número de competições nacionais e regionais, interesse de patrocinadores e premiações capazes de assegurar uma carreira esportiva sólida (KESSLER, 2010). Desse modo, não raras vezes, são os investimentos das próprias atletas que as possibilitam permanecer na prática esportiva (FIGUEIRA, 2008). Se atualmente essa é a condição das mulheres praticantes de Futsal, em meados da década de 1990, segundo

²¹ Até 2015, o Brasil é pentacampeão da Copa do Mundo de Futsal da FIFA. Até então houve sete edições do torneio, e o segundo país melhor colocado é a Espanha, com a conquista de dois campeonatos.

²² Até os Jogos Olímpicos que acontecerão em 2016, o Futsal não teria sido reconhecido como esporte Olímpico.

²³ UOL Esportes disponível em: <http://m.esportes.ne10.uol.com.br/outros-esportes/noticia/2014/11/15/brasil-vai-ao-mundial-de-futsal-com-apoio-de-ultima-hora-519639.php>. Acesso em agosto de 2015; O Tempo, disponível em: <http://www.otempo.com.br/superfc/sele%C3%A7%C3%A3o-feminina-de-futsal-conquista-o-penta-mundial-1.961865>. Acesso em agosto de 2015.

os depoimentos das atletas envolvidas com o Chimarrão, como mencionado, não era muito diferente.

Em que pese esses percalços, o grupo que se tornaria representante do SERC construiu para si estratégias a fim de lhe garantir condições de permanência no Futsal. Depois de firmada a parceria com o clube, em 1996, as atletas estabeleceram, no ano seguinte, vínculo com seu primeiro e duradouro patrocinador, uma rede de lojas tradicionalmente conhecida em Estância Velha. Segundo os depoimentos, por volta de 2002, em decorrência de um problema técnico/ambiental causado por uma empresa de beneficiamento de couro, surge a possibilidade de mais uma parceria. Devido ao impacto ambiental no bairro Lyra, endereço do SER Chimarrão, a empresa resolveria investir naquela localidade, patrocinando, então, a equipe de Futsal. No início de 2003, o Departamento Feminino tentou, sem sucesso, um formato de parceria individual, em que o patrocinador poderia adotar o número de atletas que lhe interessasse. Porém, no terceiro trimestre daquele ano, com os expressivos títulos conquistados, o decreto de “Capital Gaúcha e Brasileira do Futsal Feminino” e retornos positivos da parceria já estabelecida, a mesma empresa que teria acolhido o Chimarrão por uma contrapartida aos problemas técnicos causados no bairro Lyra, resolveu aderir ao formato de patrocínio individual, fortalecendo ainda mais as relações com a equipe. O investimento foi feito na atleta Cátia Merlini, que se destacava como uma das melhores jogadoras da equipe e do Estado do Rio Grande do Sul. Cátia, naquela ocasião, já teria sido considerada melhor atleta e goleadora do Campeonato Gaúcho e, em 2004 e 2005, seria convocada para a seleção brasileira de Futebol (campo).²⁴ Com carisma, desembaraço e uma postura “bem comportada”, a atleta teria sua imagem vinculada à empresa e passaria a representá-la em eventos sociais, midiáticos e estratégias de marketing. Esta parceria permaneceu pelos anos subsequentes, recebendo, inclusive, incentivo da Prefeitura Municipal de Estância Velha.

Marcado pela seriedade e pelo comprometimento, típicos daquele grupo de atletas, o investimento financeiro de empresas naquela equipe de futsal foi possível dada à visibilidade daquelas mulheres no cenário esportivo. Elemento de grande importância para o estabelecimento do esporte de competição de modo geral, a visibilidade, em grande medida, favorece a consolidação dos campeonatos, dos patrocínios, dos investimentos públicos, além da adesão de novos participantes, premiações e salários dos envolvidos com o esporte (FIGUEIRA, 2008).

O grupo de jogadoras do Chimarrão alcançou uma valorização que se difere da realidade de muitos jogadores do Futsal masculino do interior do Rio Grande do Sul. No início dos anos 2000, as atletas recebiam uma ajuda de custo que variava entre R\$ 300,00, para iniciantes, e R\$ 1.200,00 para as mais experientes, além de bolsa de estudo²⁵ e possibilidade de moradia.²⁶ Recebiam ainda alimentação diária, transporte, uniformes completos para jogos e treinos, agasalhos personalizados e tênis.

²⁴ Segundo Cristina, ex atleta do Chimarrão e dos dados provenientes dos Acervos Pessoais das depoentes, já na primeira convocação de seleções femininas de Futsal, Cátia esteve presente, sendo convidada outras tantas vezes nos anos seguintes. Cátia foi ainda Campeã Mundial Universitária como única atleta da equipe de Futsal proveniente do Estado do Rio Grande do Sul.

²⁵ Possuíam um contrato com um Centro Universitário que concedia bolsa de 12 créditos (aproximadamente 3 disciplinas de 60 horas semestrais), mediante a contrapartida de representarem a instituição em competições universitárias.

²⁶ Ainda que houvesse diferenças de valores recebidos pelas atletas, isso não se tornaria um problema junto ao grupo. Essa diferença era em decorrência do nível de performance das meninas que, segundo Sílvia, eram classificadas em três categorias: “Cátia, Pulga, Juliana [...] essas eram as top. Depois tinha um segundo escalão que tinha que manter e depois tinham as ajudas de custo. E [...], nunca teve [conflitos por essa diferenciação], elas ficavam bem. [...] Que eu me lembre, uma ou outra vez alguém tenha me perguntado quanto a outra ganha, mas, assim, foi por curiosidade mesmo. Eu nunca tive problemas com elas.”

Segundo a Diretora do Departamento Feminino, se o Chimarrão não tivesse conquistado esses benefícios, não conseguiria manter a equipe. Afinal, muitas atletas eram referências nacionais, algumas despontavam também no cenário internacional, representando a Seleção Brasileira de Futsal.²⁷ Na convocação de 2008, três atletas foram selecionadas, Cátia, Pulga e Neguinha. Aliado a isso, a evidência destas e outras jogadoras gerou uma preocupação a cada início de temporada: fazer a manutenção das atletas, afinal, eram frequentes as propostas para representarem outros clubes no Brasil e no exterior. De acordo com o depoimento de Sílvia, responsável pela gestão dos recursos provenientes dos patrocinadores, a manutenção das atletas se dava, em grande medida, pelas relações afetivas.

Eu não segurava elas com dinheiro, porque dinheiro elas iam ganhar o dobro em outro lugar. Eu segurava elas porque nós tínhamos um grupo muito fechado. As meninas eram muito amigas, se gostavam muito, curtiam as mesmas coisas. Tratávamos elas como família [...] a gente tratava elas assim, como mãe."

No intuito de projetar luz sobre o futsal feminino e sobre si mesmas, as atletas construíram outros espaços de atuação para além dos jogos e treinos. Em 2003, deram início ao projeto "Centro de Iniciação de Futsal Feminino" para meninas de 6 a 16 anos, cujo objetivo era oportunizar às crianças e adolescentes vivências na prática do Futsal. Após ampla divulgação nas escolas de Estância Velha, o projeto atingiu aproximadamente 200 meninas, em um espaço de formação de base.

Se por um lado é plausível pensarmos nessas escolinhas como possível celeiro de atletas, devemos considerá-las ainda como possíveis mecanismos de divulgação do futsal feminino e reafirmação da imagem do Chimarrão como equipe de referência. As escolinhas permitiriam que meninas vivenciassem o esporte e difundissem nas escolas e comunidade em geral uma cultura do Futsal para mulheres. Numa tentativa de modificar as tradicionais representações de feminilidade e, com isso, se manter numa prática esportiva culturalmente concebida como masculina, as jogadoras do Chimarrão intencionavam ainda atrair para si benefícios como atletas.

Além de se fazerem presentes nos ginásios, participavam de diversas atividades na cidade, desde eventos tradicionais, como Kerbs²⁸ e rodeios, onde, na maioria das vezes, entregavam as premiações aos campeões. Segundo as ex atletas Cristina e Patrícia, a equipe do Chimarrão participava de atividades sociais, como visitas aos lares de idosos, doação de brinquedos às crianças do orfanato municipal, participação em festas das comunidades carentes, organização de campanhas de solidariedade, arrecadando alimentos, roupas, brinquedos, materiais escolares, etc. Assim, diferentes ações em prol da sociedade estanciense transformaram o Chimarrão no "xodó da cidade de Estância Velha" (PARCERIA, 2004, p.07).

Dentre os diversos locais de presença pública das atletas como representantes do futsal feminino do Chimarrão, destacam-se algumas empresas e lojas que contratavam as jogadoras para divulgar a sua marca diretamente no estabelecimento comercial. Cristina conta que, por diversas vezes, passaram os sábados inteiros fazendo "embaixadinhas" em frente às lojas, na própria calçada, e recebiam para isso. Como o grupo teria conquistado fama em meio à população de Estância Velha, "não tinha quem não parasse para assistir ao espetáculo".

²⁷ Na Seleção, as atletas recebem remuneração por cada dia que estão a serviço e, muitas vezes, recebem um prêmio extra, decorrente de boas performances nos jogos.

²⁸ Festividade germânica do sul do Brasil, típica em cidades que foram povoadas por descendentes de imigrantes alemães. Uma de suas principais características do Kerb é a continuidade da festa por três dias ininterruptos.

Protagonistas de sua própria prática, as atletas do Chimarrão se fizeram presentes em eventos públicos como representantes do clube e do Futsal. Muito mais que aparições cênicas, as presenças daquelas mulheres em eventos sociais e comerciais da cidade constituíram-se em ações coletivas, capazes de lhes conceber autonomia como atletas. Ao utilizarem o prestígio social conquistado em meio à população daquela cidade, as jogadoras cultivavam o próprio prestígio e, assim, reafirmavam-se como sujeitos daquela prática, tensionavam as tradicionais representações de gênero, investiam na própria visibilidade, constituindo-se, assim, como autônomas e protagonistas numa relação que envolvia não somente as atletas, mas a comunidade de modo geral (Jorge IULIANELLI, 2003).

Aos vinte e nove minutos do segundo tempo...

Longe de ser uma prática que envolve apenas conhecimento técnico, tático e de suas regras, o esporte constitui um campo de disputas, cujos processos envolvem representações que participam da própria constituição dos significados, conceitos e signos de cada modalidade esportiva. Essa organização compreende um sistema linguístico que envolve a codificação normativa dos modos de ser e se portar, atribuindo limite àquilo que é “aceitável, dizível e compreensível” (SWAIN, 2001). Nessa perspectiva, a mulher atleta de futsal, historicamente tem sido colocada à margem, uma vez que tensiona algumas fronteiras ligadas ao gênero. Longe das representações que envolvem a unidade e a estabilidade constituídas pelas práticas normativas próprias das feminilidades referentes, as atletas de Futsal são constituídas como marginais em seus processos identitários e de status na hierarquia social (LOURO, 2012). Esse conjunto de significados, entretanto, tem sido contestado, uma vez que suas produções são associadas às relações de poder, às lutas e às resistências que são próprias dos mecanismos de produção e atualização deste quadro representacional.

Nessas possibilidades de escape, encontram-se algumas mulheres como aquelas envolvidas com o Chimarrão, cujos posicionamentos têm sido capazes de construir estratégias de resistência. Ao investirem na qualidade técnica e tática da equipe, constroem espaços pedagógicos para a vivência e a difusão da prática do Futsal entre as meninas e estarem presentes em eventos sociais, essas atletas constroem uma rede de relações com a comunidade, além de visibilidade sobre a própria prática. Ao mesmo tempo em que oferecem aos patrocinadores a imagem de destacadas atletas, herdando, nessa relação, a solidez e o prestígio vinculados àquelas empresas, além de benefícios midiáticos decorrentes da parceria.

Fazendo-se ver em diferentes espaços como jornais, sites, torneios, eventos, entre tantos outros, aquelas mulheres estão, de certa forma, utilizando-se destes mecanismos para atraírem novos olhares, praticantes, torcedores e patrocinadores – elementos fundamentais para a constituição e manutenção de uma equipe que se propõe competitiva. Além disso, essas estratégias tendem a incidir sobre o reconhecimento e valorização do Futsal feminino. Os modos pelos quais as atletas se posicionam como protagonistas constituem uma rede que possibilita condições para se sustentarem numa prática tradicionalmente masculina e, como efeito, tensionam representações de gênero. Operando no campo discursivo, as mulheres do Chimarrão conquistam salários, fotos de capa nos jornais locais, medalhas e homenagens públicas, indícios de resistência às normativas de gênero que historicamente tem reiterado a inadequação entre o corpo feminino e a prática do futsal.

Entretanto, simultaneamente ao fato dessas mulheres forjarem condições de permanência no esporte, tensionando representações, as relações estabelecidas com a comunidade de Estância Velha demandaram alguns modos de ser e se portar, capturando essas mesmas mulheres num processo de governança de seus corpos e condutas.

O carisma e desembaraço, os valores éticos e a conduta bem comportada das atletas do Chimarrão tomaram-nas “O Xodó de Estância Velha”, outro tipo de reconhecimento que atualiza o contrato firmado entre as jogadoras e a comunidade. Se a resistência às representações de gênero foi possível, essa luta não foi empreendida em todos os campos. As “normas, regras, paradigmas morais e modelos corpóreos” continuaram delimitando os campos do aceitável, do dizível e do compreensível no que se refere a uma conduta comedida, desenvolvida, disciplinada, bem educada e permeada pela crença nos tradicionais “valores éticos do esporte”. Enquanto um grupo de mulheres adeptas a um esporte atravessado por marcadores de masculinidade, as atletas do Chimarrão poderiam ser associadas a uma representação de feminilidade abjeta, que nega a “fragilidade, sensualidade, beleza e um suposto instinto maternal”, causando por consequência o questionamento sobre sua sexualidade e autenticidade de seus corpos. Cientes das suspeitas que tentam sujeitar aquelas que ousam tensionar representações de gênero, as atletas do Chimarrão passam a operar num processo de vigília e regulação constante de suas práticas, com vistas à produção normativa de seus corpos e feminilidades. Se por um lado resistem, por outro, são subjetivadas por normas de conduta, diferentes mecanismos de uma mesma estratégia, que tem por finalidade a atualização e reelaboração acerca das representações das mulheres no Futsal.

Referências

- ADELMAN, Mirian. “Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina”. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003.
- ALMEIDA, Thaís Rodrigues. *Fortes, aguerridas e femininas: um olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de rugby em um clube de Porto Alegre*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. “Vôlei masculino é para homens: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia”. In: *Revista Movimento*. v. 21, n. 1, p. 11-24, jan./mar. de 2015.
- DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. *Skate para Meninas: modos de se fazer ver em um esporte em construção*. 2008. 247 p. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- _____; GOELLNER, Silvana Vilodre. “Quando você é excluída, você faz o seu’: mulheres e skate no Brasil”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 41, p. 239-264, dez. 2013 .
- FOUCAULT, Michael. *Ditos e Escritos IV: Estratégia Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- GEORGEN, Pedro. “Universidade e responsabilidade social”. In: J. C. Lombardi (Org). *Temas de pesquisa em educação*. Campinas: Autores Associados, 2003. pp. 101-121.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 2, p. 143-151, jun. 2005a.
- _____; “Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem histórias”. *Pensar a Prática*, v. 8, n.1, p. 85-100, jan./jun. 2005b.
- GOMES, Ângela de Castro. “Escrita de Si, escrita da História: a título de prólogo”. In: GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-24.
- GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

- HEYMANN, Luciana Quillet. "Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller". *Revista Estudos Históricos*, vol. 10, n.º 19, p. 41-60, jan./jun. 1997.
- IADEVITO, Paula. "Teorías de género y cine. Un aporte a los estudios de la representación". In: *Universitas Humanística*, 78, 211-237, 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.UH78.tgcu>
- IULIANELLI, Jorge A. "Juventude: construindo processos o protagonismo juvenil". In: PONTES, Paulo C.; IULIANELLI, Jorge A. (Orgs.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003, p.19-37
- JAEGER, Angelita; GOELLNER, Silvana Vilodre. "O músculo estraga a mulher: a produção de feminilidades no fisiculturismo". *Estudos Feministas*, 19(3): 392, set./dez. 2011, p. 955-976
- JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- KESSLER, Cláudia S. 'Entra aí pra completá': narrativas de jogadoras de futsal feminino em Santa Maria, RS. 2010 (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.
- KIMMEL, Michael. "A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas". *Horizontes Antropológicos* N. 9, ano 4, p. 103-118, out. 1998.
- LAQUEUR, Thomas W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 1994.
- LOURO, Guacira Lopes. "Currículo, gênero e sexualidade: o 'normal', o 'diferente' e o 'excêntrico'". In: GOELLNER, Silvana Vilodre; FELIPE, Jane e LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 8ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 41-52
- _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- MEYER, Dagmar Estermann. "Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais". *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v.57, n.1, p. 13-18, jan./fev. 2004.
- "Nada pode ser maior, o Chimarrão é bicampeão da Taça Brasil 2004". *O Dinâmico*, Estância Velha, capa, jun. 2004.
- "O melhor do Brasil". *Suplemento*, Estância Velha, capa, 06/06/2003.
- "Parceria de sucesso completa um ano". *Suplemento*, idem Estância Velha, p. 07, 12/11/2004.
- PENNA, Rejane Silva; GRAEBIN, Cleusa Maria. "Acervos privados: indivíduo, sociedade e História". *Saeculum – Revista de História*, número 23; João Pessoa, jul./dez. 2010.
- ROSA, Diego da. "Ninguém segura o Chimarrão". *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 25/11/2002.
- ROUSSO, Henry. "A memória não é mais o que era". In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.), *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 93-102.
- RUBIO, Kátia; SIMOES, Antônio Carlos. "De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres". *Revista Movimento*, ano V, nº 11, 1999, p. 50-56.
- SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação & Realidade*, v. 2, n. 20, p. 71-100, jul./dez. 1995.
- SILVEIRA, Raquel. *Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino*. 2008 (Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano, ESEF) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre
- SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman; MACEDO, Líbia Lender. *O ser mulher no esporte de competição: a mulher e a busca dos limites no esporte de rendimento*. In: SIMÕES, Antônio Carlos (Org) *Mulher e Esporte: Mitos e Verdades*. Barueri: Manole, 2005.

- SOUZA, Gabriela Conceição de et al. "Rosiclea Campos no judô feminino brasileiro". *Revista Estudos Feministas*, v. 23, n. 2, p. 409-429, agosto 2015.
- STIGGER, Marco Paulo. *Educação Física, Esporte e Diversidade*. Campinas, Autores Associados, 2005.
- SWAIN, Tânia Navarro. "Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas 'femininas'". *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, 15(3) 2001.
- VARGAS, Júlio. "Fim de uma história: sem patrocínio Chimarrão fecha futsal feminino". In: O Diário da encosta da Serra. 27/03/2015. Disponível em: <http://www.odiariorio.net/noticia/1580/Sem-patrocínio-Chimarrao-fecha-futsal-feminino>. Acesso em 09/10/2016.
- VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. Gênero. In: COLLING, Ana Maria, TEDESCHI, Leandro Antônio. *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados: Editora da UFGD, 2015, p. 304-308.

[Recebido em 17/09/2015,
reapresentado em 22/10/2016
e aprovado em 13/02/2017]

Women Athletes of Futsal: Strategies of Resistance and Permanence in the Sport

Abstract: *Based on theoretical and methodological assumptions of "Oral History" and "Personal Collection", this text analyzes protagonism of a group of female athletes while building one of the best teams of women's indoor soccer in Brazil in 2000. By forging a strategy network that invested in participation in social events, links to sponsors, creation and maintenance of pedagogical schools and by getting more media space, the athletes have placed themselves as individuals of that practice and, by doing so, problematized the classic representations of indoor soccer, whose meaning are permeated by masculinity marks. Whereas they tension gender crossing in sports, they invest in a meticulous watch process which is reflected normatively on their bodies and their behaviors.*

Key words: *Indoor soccer; Gender; Sport*

André Luiz dos Santos Silva (andrels@feevale.br) é professor de Educação Física, licenciado pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde integra o Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo e o Centro de Memória do Esporte. Pós-doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS), integra o Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero. É docente dos cursos de Educação Física do Centro Universitário Metodista do Sul - IPA e dos cursos de Educação Física e Pedagogia na Universidade Feevale. É integrante nesta mesma instituição do Grupo de Estudos Sobre Relações de Gênero, Violência e Educação.

Patrícia Andrioli Nazário é professora de Educação Física, licenciada pela Universidade Feevale (2009). Além disso, é professora da rede municipal de ensino de Novo Hamburgo/RS.